

## EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Humberto Andreatta nasceu em 8 de fevereiro de 1950, em Sarandi, interior gaúcho, e morreu em sua casa, em Porto Alegre, no início da tarde do dia 4 de novembro de 2007, aos 57 anos.

Betão, como era conhecido entre familiares e amigos, revelou-se um jornalista de peculiaridades especiais, que o distinguiam da maioria dos bons profissionais da imprensa do Rio Grande do Sul. Tinha uma forte inclinação para desvendar questões de fundo social, para revelar as agruras pelas quais passam os menos favorecidos, para enfrentar questões espinhosas e polêmicas, ritmando os seus belos textos e suas cruas denúncias pela cadência tantas vezes esquecida no jornalismo, que é a de contribuir com o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ainda não formado, trabalhou na TV Difusora, precursora da hoje TV Bandeirantes. Após concluir o curso de Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1975, trabalhou na Zero Hora, na Cia. Jornalística Caldas Jr., no Coojornal, no Jornal do Grêmio, no Jornal O Interior, na revista Agricultura & Cooperativismo, na Folha da Manhã, no Diário do Sul e foi correspondente das revistas Isto É e Afinal e do Jornal do Brasil.

Em 1976, mereceu premiação da Associação Riograndense de Imprensa – ARI – pela matéria “Documento Social: a fuga do agricultor”, no jornal Folha da Manhã. Na década de 80, voltou ao tema e publicou com Roberto Garcez a reportagem “O Grito do Campo”, no jornal O Interior, vencedora do Prêmio Badesul de Jornalismo de 1985. Naquele mesmo ano, publicou o livro “Orçamento Participativo Porto Alegre: você é quem faz uma cidade de verdade”, que registrou para a história da Capital o processo de participação popular na administração da Cidade. Em 1986, publicou com André Pereira e Carlos Wagner o livro-reportagem “A Guerra dos Bugres – A Saga da Nação Kaingangue”, pela Editora Tchê, que reunia uma seleção de matérias divulgadas na Zero Hora sobre os indígenas sobreviventes nas reservas gaúchas.

Humberto Andreatta integrou a diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul. Produziu, ainda, os livros “Santa Soja” e “Ponto de Vista”, de forte conteúdo social, duas belas raridades do fotojornalismo gaúcho, feitos em conjunto com os fotógrafos Eneida Serrano, Luiz Abreu, Genaro e Jacqueline Joner.

No exercício profissional, Humberto Andreatta exerceu vários cargos, de repórter a editor, passando pelas funções de redator e de chefe de reportagem. Nessa última, destacou-se especialmente ao liderar equipes cativadas por sua qualidade profissional, grande capacidade de trabalho, inquestionável senso de justiça e ilimitada paciência com os aprendizes. “Betão liderava com ternura”, como disse o jornalista e professor Marques Leonam.

Marques Leonam, professor da Pontifícia Universidade Católica – PUC –, lista cinco motivos para não esquecer o “Betão”, com os quais os amigos todos concordam: “Era um profissional imbatível; sempre foi extremamente bem humorado; era um formador de equipes; era um líder que liderava com ternura e, finalmente, era um cara do qual ninguém tinha nada de ruim para falar”.

Em 2007, divulgou pela Internet caloroso abaixo-assinado de sua autoria em defesa da TVE pública.

Homenagear Humberto Andreatta é um pequeno mas permanente reconhecimento a uma vida dedicada ao jornalismo.

Diante do exposto, solicito a aprovação da presente Proposição.

Sala das Sessões, 20 de julho de 2009.

VEREADOR ADELI SELL

**PROJETO DE LEI**

**Denomina Praça Humberto Andreatta o logradouro não cadastrado conhecido como Praça Jardim São Jorge, localizado no Bairro Vila Nova.**

**Art. 1º** Fica denominado Praça Humberto Andreatta o logradouro não cadastrado conhecido como Praça Jardim São Jorge, localizado no Bairro Vila Nova, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 de maio de 1994, e alterações posteriores.

**Parágrafo único.** As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Jornalista.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.